

Brizola acha inviável acordo com PT

ALUIZIO MARANHÃO
e RICARDO OSMAN

RIO — Instalação em sua confortável fazenda no Uruguai, o candidato derrotado do PDT, Leonel Brizola, previu, ontem, que está cada vez mais distante uma aliança de seu partido com o PT de Luiz Inácio Lula da Silva para enfrentar Fernando Collor de Mello, do PRN, no segundo turno das eleições. "A disputa acirrada enfraqueceu a ambos os partidos", avaliou o ex-governador, que voltou a atacar o senador José Paulo Bisol, candidato a vice na chapa de Lula. Para Brizola, Bisol foi favorecido com um empréstimo do Banco do Brasil e, por isso, "deve renunciar".

Quando voltar ao Rio, na próxima sexta-feira, Brizola vai propor outras renúncias: a de Lula e a dele próprio em favor do candidato do PSDB, Mário Covas. Pela legislação eleitoral, se Lula renunciar, o candidato imediatamente mais votado, no caso Brizola, iria para o segundo turno. Com sua renúncia, o ex-governador abriria espaço para a passagem de Covas para a reta final da campanha. "Não quero criar situações, mas nem Lula nem eu temos condições de derrotar o personagem de Alagoas", afirmou. "Temos de pensar em uma alternativa."

Na tarde de ontem, quando se preparava para viajar para o Uruguai, Brizola colocava na bagagem a tese das renúncias, uma idéia que surgiu durante a tumultuada reunião da executiva do partido na noite de domingo, no Rio, na qual não faltaram lágrimas e palavrões.

Mesmo que não surgisse a hipótese da renúncia de Lula a cúpula pedetista estaria dividida em dois blocos: de um lado, os "conciliadores", majoritários na executiva, que defendem a tese de que a necessidade de derrotar um "adversário comum", deve balizar as conversações; e de outro; os "duros", cuja proposta é a de

sentar-se à mesa de negociações com os petistas com uma lista de condições. Entre elas, as inclusões no programa de governo da Frente Brasil Popular de um programa de construção de Centros Integrados de Ensino Público (Cieps), principal peça de propaganda pedetista, e do compromisso de que o ensino federal continuará laico. Ou seja, afastado da Igreja, que, a partir das suas fileiras progressistas, funcionou como importante cabo eleitoral petista. Os "duros" querem ainda que Lula abra mão de seu vice, José Paulo Bisol, um dos sacos de pancada de Brizola durante a campanha, para aplainar o terreno do acordo.

A reunião de segunda-feira foi "um pequeno comício", segundo um dos participantes. Às 10 horas, no momento em que Brizola desceu de seu apartamento, no sétimo andar, para encontrar a executiva do partido, no segundo andar, espremiavam-se numa pequena sala de cerca de 30 metros quadrados, refrigerada por um enferrujado aparelho de ar-condicionado, no mínimo 20 pessoas. Entre elas, alguns parlamentares com assento na cúpula do PDT, amigos de Brizola que tinham ido visitá-lo para hipotecar solidariedade, familiares de políticos pedetistas e seguranças, como o lutador Robson Gracie. Brizola convidou a todos a participar do encontro.

"Estávamos de cabeça cheia, a reunião foi uma catarse", contou depois o deputado Bocayuva Cunha, um dos "duros" que logo abraçou a sugestão da renúncia de Lula. Não se sabe ao certo o autor da idéia. Uns dizem que ela surgiu enquanto se esperava Brizola sair do elevador. Conforme o ex-deputado Neiva Moreira, alinhado aos "conciliadores", porém, tudo partiu de rumores que vinham de Brasília. No Distrito Federal haveria um movimento para fazer o candidato tucano alçar voo para o segundo turno nas asas de um acordo do PDT com o PT. Ao chegar — ou ao sair do elevador — Brizola ouviu e comentou: "Já tomei conhecimento disto. Recebi dois



Sérgio Vieira/AE

Brizola: "Nem Lula nem eu temos condições de derrotar o personagem de Alagoas"

ou três telefonemas, mas acho que a proposta só é válida se partir de Lula".

Alguns pedetistas, no entanto, insistiram no tema: "Mário Covas é como o América Futebol Clube: é a segunda opção de todo mundo", comentou o coronel Altair Campos, secretário particular de Brizola, responsável também por sua segurança pessoal. O líder do PDT teria ouvido também que a proposta de renúncia de Lula poderia ser apresentada por opo-

res como um "golpe". "Mas o que é melhor para o Brasil? Collor ou Covas?", perguntou o coronel Altair ao se alinhar a Bocayuva Cunha.

Os pedetistas e seu líder estavam convencidos de que Lula terá dificuldades para vencer Collor no segundo turno. E a acirrada disputa com o PDT no primeiro turno teria agravado ainda mais a situação. Mesmo para o ex-secretário de Saúde do Rio, Eduardo Costa, conciliador e defensor do apoio imediato ao

PT, Lula teria dificuldades para receber votos dos brizolistas do Rio e do Rio Grande do Sul e até mesmo dos eleitores de Covas. "A idéia da renúncia de Lula foi uma conversa secundária na reunião. Surgiu e desapareceu em seguida", atenuaria Costa, mais tarde.

Não seria bem assim. Antes de todos deixarem a sala, de quatro horas de reunião, e após acertarem a realização de um Congresso no domingo, para fechar uma posição comum, Bri-

zola ainda comentou que não teria dificuldades de ele também renunciar em favor de Mário Covas.

Os "duros" haviam conseguido convencer Brizola. Nem mesmo o presidente nacional do partido, Doutel de Andrade, amigo histórico do líder pedetista, obteve êxito na defesa do seu ponto de vista claramente em concordância com o PT: "Brizola, vamos reconhecer logo a derrota e apoiar Lula", propôs Doutel, a voz menos radical da reunião, e mais conciliador que os deputados César Maia, Carlos Alberto Caó e o ex-prefeito de Porto Alegre, Alceu Collares entre outros. "Mas Doutel, sem programa comum não dá", ouviu como resposta o presidente do PDT.

O encontro só foi interrompido por dois telefonemas: um do deputado petista Plínio de Arruda Sampaio, querendo colocar Lula em contato com Brizola, e outro de Renan Calheiros, articulador de Collor. Ao saber que Renan estava na linha, Brizola berrou um palavrão e mandou dizer que não o atenderia.

Brizola deixou o segundo andar do seu prédio, na Avenida Atlântica, pensando na proposta de sugerir a retirada de Lula do segundo turno. Certamente ele não se esquecera que, pela manhã, outro dos seus grandes amigos, Cibillis Vianna, de executiva do partido, havia chorado muito, passando a defender a omissão do PDT. À noite, Brizola estava decidido a propor a renúncia do candidato do PT, para espanto de outros integrantes da executiva que, durante a reunião, não consideraram a idéia como séria.

A queda de braço continuou ontem. "Não tem essa do PDT não votar no Lula, pois se isso acontecer o Collor pode vencer com 80% dos votos e legitimar medidas desastrosas que, de fato, não têm respaldo na sociedade", disse César Maia.

O PT também tem seus problemas. "Podemos conversar sobre os Cieps. Já tirar o Bisol é difícil", adiantou Plínio no telefonema de segunda-feira.